

Three men in dark suits and ties, smiling and standing with their arms crossed. The man in the foreground is in sharp focus, while the two behind him are slightly faded.

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

ANTROPOLOGIA BÍBLICA

Entendendo sobre a humanidade e sua condição espiritual, moral e social.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

ANTROPOLOGIA BÍBLICA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-013-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON13

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **ANTROPOLOGIA BÍBLICA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 107 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - ANTRPOLOGIA GERAL.....	8
1.1. CONCEITOS GERAIS.....	8
2 - ANTRPOLOGIA CULTURAL.....	15
2.1. CONCEITUANDO CULTURA.....	15
2.2. SENTIDOS DE CULTURA.....	17
2.3. OBJETO DA ANTRPOLOGIA CULTURAL.....	19
2.4. ANTRPOLOGIA DA RELIGIÃO	19
2.5. ETNOTEOLOGIA.....	20
2.6. COSMOVISÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	20
3 - MITOS E TEORIAS DA CRIAÇÃO.....	23
3.1. A NARRATIVA MITOLÓGICA.....	23
3.2. MODELOS DE MITOS COSMOGÔNICOS	23
3.3. A TEORIA BIG BANG	28
4 - A BÍBLIA E A CRIAÇÃO	34
4.1. COMO A CRIAÇÃO BÍBLICA É CONSIDERADA?	34
4.2. A TEORIA GEOLÓGICA DA CRIAÇÃO (TGC)	34
4.3. A TEORIA DA LACUNA	36
4.4. EXPOSIÇÃO BÍBLICA DA CRIAÇÃO	36
4.5. OS DIAS DA CRIAÇÃO	37
4.6. A REVELAÇÃO DE DEUS E A CRIAÇÃO.....	39
4.7. ATIVIDADE DE DEUS NA CRIAÇÃO	40
4.8. O PROPÓSITO E O ALVO DA CRIAÇÃO	40
5 - TEORIAS DA ORIGEM DO HOMEM.....	43
5.1. A TEORIA DA EVOLUÇÃO.....	43
5.2. PASSANDO A LIMPO A TEORIA DA EVOLUÇÃO.....	47
5.3. POR QUE A TEORIA DA EVOLUÇÃO É AMPLAMENTE ACEITA?.....	49
5.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
5.5. TEORIAS CRIACIONISTAS	53
5.6. TIPOS DE CRIACIONISMO.....	53

6 - A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM.....	60
6.1. DESCRIÇÃO BÍBLICA	60
6.2. A DOCTRINA DA NATUREZA DO HOMEM	60
6.3. A METAFÍSICA DA CRIAÇÃO DO HOMEM	64
6.4. FUNÇÕES RESPECTIVAS DO CORPO, ALMA E ESPÍRITO.....	66
7 - A QUEDA DO HOMEM.....	76
7.1. A OCORRÊNCIA DA QUEDA.....	76
7.2. ESPÍRITO, ALMA E CORPO APÓS A QUEDA.....	81
8 - O HOMEM SOB TRÊS ASPECTOS	86
8.1. O HOMEM NATURAL	86
8.2. O HOMEM ESPIRITUAL (1Co 2.15).....	87
8.3. O HOMEM CARNAL	87
9 - A ORIGEM DA ALMA E DO ESPÍRITO DO HOMEM	90
9.1. TEORIA DO PRÉ-EXISTENCIALISMO	91
9.2. TEORIA DO CRIACIONISMO	94
9.3. TEORIA TRADUCIONISTA	96
10 - ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA	99
10.1. A AÇÃO CRIADORA	99
10.2. A CRIAÇÃO E A TRINDADE	100
10.3. O MOTIVO E O FIM DA CRIAÇÃO	100
10.4. A PROVIDÊNCIA	101
10.5. A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO	102
10.6. AS CRIATURAS INVISÍVEIS, OU ANJOS	103
10.7. O HOMEM.....	104
10.8. O HOMEM E A MULHER	105
10.9. TRANSFORMISMO, POLIGENISMO, MONOGENISMO	105
10.10. JUSTIÇA ORIGINAL	106
10.11. A QUEDA.....	106

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - ANTROPOLOGIA GERAL

Por mais isoladas entre si que tenham vivido as diferentes sociedades humanas sempre souberam, salvo raríssimas exceções, que além de suas fronteiras havia “outros homens”: homens que viviam de forma diversa, cuja pele era talvez de outra cor, que não adoravam os mesmos deuses, que pensavam de outra maneira. A curiosidade de conhecer esses homens e povos “diferentes” motivou o nascimento da antropologia, que atualmente não estuda apenas “os outros”, mas todos os seres humanos.

1.1. Conceitos Gerais

Entre as muitas ciências que têm por objeto o ser humano, a antropologia – “ciência do homem”, segundo a etimologia – o estudo do ponto de vista das características biológicas e culturais dos diversos grupos em que se distribui o gênero humano, pesquisando com especial interesse exatamente as diferenças.

O nascimento da antropologia como ciência ocorreu a partir dos grandes descobrimentos realizados por navegadores e viajantes europeus. A curiosidade de conhecer povos exóticos, de saber como viviam e pensavam homens de culturas tão distantes da europa, de descobrir que aspecto físico e que costumes tinham, levou à classificação e ao estudo dos dados recolhidos “in loco” – isto é, no lugar de origem – por exploradores, comerciantes e missionários chegados àquelas terras longínquas.

Os primeiros antropólogos tinham como característica comum a distância do objeto de seu estudo, o qual consistia sempre em homens pertencentes a culturas distintas da europa e dela geograficamente afastadas. A moderna antropologia, no entanto, estende sua pesquisa às sociedades industriais e até mesmo às grandes concentrações urbanas. Mas seus instrumentos de trabalho se foram aos poucos delineando justamente no estudo das sociedades “primitivas”, mais simples e com um processo de mudança menos vertiginoso que o das sociedades modernas.

Com freqüência, os antropólogos do século XIX relacionavam as características biológicas dos povos com suas formas culturais. Mais tarde, estabeleceu-se que os traços biológicos e os culturais tinham menos ligação entre si do que se acreditava. Isso levou a uma primeira subdivisão das ciências antropológicas em antropologia física e antropologia cultural, esta última comumente assimilada ao conceito de etnologia.

Desde a segunda metade do século XIX a antropologia cultural começou a ser considerada uma ciência humana, com as limitações e ambigüidades próprias dessa categoria científica, enquanto a antropologia física continuou desenvolvendo seus métodos de trabalho – medição e estabelecimento de correlações entre as medidas

encontradas – como uma ciência natural. Hoje os dois campos estão totalmente diferenciados e poucos são os pesquisadores que trabalham ao mesmo tempo em ambos.

A. Antropologia e Outras Ciências. Duas disciplinas muito relacionadas com a antropologia são a arqueologia pré-histórica e a lingüística. A arqueologia, necessária para conhecer o passado das sociedades, pode esclarecer em grande escala seu presente. A terminologia arqueológica, anterior à da antropologia, proporcionou a esta última muitos vocábulos úteis. Por outro lado, a própria antropologia é útil à arqueologia, na medida em que estuda ao vivo sociedades muitas vezes semelhantes – por exemplo, no desconhecimento dos metais – a outras já desaparecidas, sobre as quais pode lançar abundante luz.

Também a lingüística é de grande importância para a antropologia, não só porque o conhecimento do idioma se faz necessário ao antropólogo nas pesquisas de campo, isto é, feitas no local de origem, mas também porque muitos conceitos elaborados pelos lingüistas são fundamentais para a análise de determinados aspectos das sociedades: por exemplo, a concepção da sociedade como uma rede de comunicação, a análise estrutural ou a forma em que se organiza a experiência vital do sujeito de uma comunidade em estudo.

A sociologia, por sua vez, pode até certo ponto ser considerada uma “irmã gêmea” da antropologia. Em princípio, o que distingue as duas ciências é o objeto de seu interesse: enquanto o sociólogo se dedica ao estudo das sociedades modernas, o antropólogo comumente pesquisa as sociedades primitivas, embora o estudo das sociedades coloniais e de seu rápido processo de aculturação e modernização social tenha desenvolvido um campo intermediário no qual fica difícil estabelecer os limites entre o trabalho sociológico e o trabalho antropológico. Nesse terreno intermediário surgiu a chamada antropologia social.

O desenvolvimento da psicologia permitiu à antropologia cultural utilizar novas bases para o estudo da relação entre o indivíduo e a sociedade em que vive, da formação da personalidade e de outros aspectos que interessam igualmente às duas ciências. A psicanálise, em particular, impulsionou o desenvolvimento do conceito de cultura a partir de novas bases.

A história proporcionou aos antropólogos muitos dados impossíveis de obter pela observação direta, assim como a antropologia pôs à disposição dos historiadores novos métodos de trabalho, como os que se aplicam à análise da tradição oral.

Quanto à geografia humana, coincide com a antropologia na importância que atribui aos diferentes usos do espaço por parte do homem, à transformação do habitat natural etc. Ambas as ciências estão, além disso, relacionadas com a ecologia humana. Não é de estranhar que muitos dos primeiros antropólogos tenham vindo do campo da geografia.

B. Quem é o Homem? “Que é o homem, para que façamos caso dele, para que te ocupes dele, para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento?”; “O homem é a medida de todas as coisas”; “Muitas são as coisas grandiosas dotadas de vida, mas a mais grandiosa de todas é o homem”. A primeira dessas três frases é uma das perguntas que Jó dirige a Deus; a segunda, uma reflexão do pensador grego Protágoras; e a terceira, uma fala da tragédia Antígona, de Sófocles. A elas poderiam reunir-se milhares de outras sobre o mesmo tema, de todas as épocas e civilizações, o que mostra que nada preocupa tanto o homem quanto a condição humana, e nenhum espetáculo é mais atraente para o homem do que o próprio homem.

Em sentido amplo, homem é qualquer membro da espécie humana. Assim ele é entendido pela filosofia e abordado, em cada um de seus aspectos particulares, pela biologia, antropologia, história, medicina e outras disciplinas que o têm por objeto. A tarefa de definir homem consiste em procurar respostas para algumas perguntas essenciais: qual a natureza ou a essência do homem? Como se distingue ele dos outros seres orgânicos, especialmente dos animais superiores? Essa distinção é essencial e absoluta, ou apenas uma variação de grau? Qual o lugar do homem no mundo? Qual sua missão ou seu destino? Como se relaciona com Deus ou com absoluto?

C. Abordagem Filosófica. A noção ocidental de homem como indivíduo tem como ponto de partida o pensamento grego. Para Sócrates e Platão, cada ente só pode ser definido se todos os seres do universo estiverem classificados segundo certas articulações lógicas e ontológicas. Definir um ente consiste então em tomar a categoria à qual ele pertence e situar essa categoria no lugar ontológico que lhe corresponde. Esse lugar ontológico é determinado por dois elementos de caráter lógico: a categoria próxima e a diferença específica. Por eles se chega à definição de Aristóteles: o homem é um animal racional. Animal é a categoria próxima, na qual se inclui o homem; racional é a diferença específica, por meio da qual se distingue conceitualmente o homem dos outros animais. Para a filosofia grega, o homem é um “ser racional”, ou melhor dito, um animal que possui razão. Essa definição implica dizer que o homem é uma coisa cuja natureza consiste em poder dizer o que são as outras coisas. Ou seja, a razão permite ao homem definir-se e definir o conjunto do universo.

Os gregos admitem que o homem tenha sido “formado”, e também que sua formação tenha obedecido a condições especiais em relação aos demais seres, mas rejeitam a hipótese da criação. A visão do homem como ser criado é comum ao judaísmo e ao cristianismo e exerceu forte influência sobre todas as concepções filosóficas relacionadas com essas religiões e também com o islamismo. O homem seria, então, uma criatura, ou seja, um ser cuja realidade não é própria, mas que foi criado “à imagem e semelhança de Deus”, o que lhe confere superioridade em relação aos outros seres. Para os gregos, o homem vive em dois mundos: o mundo sensível, que ele apreende pelos

sentidos, e o mundo inteligível, que apreende pela razão, e onde se confirma sua realidade como ser racional.

Na concepção judaico-cristã, o homem também se acha suspenso entre dois mundos: o finito e infinito, o que opõe em uma mesma natureza a insignificância e a imensa grandeza. Afirma Pascal que “a natureza do homem pode ser considerada de duas maneiras: uma, segundo seu fim, e então é grande e incomparável; outra, segundo a multidão, como se aprecia a natureza do cavalo e do cão, e então é abjeto e vil. Esses são os dois caminhos que levam a julgamentos tão diversos do homem, e a tantas discussões dos filósofos”.

D. Abordagem Biológica. Para as ciências naturais, a dificuldade de definir o que seja “homem” consiste em escolher entre dois pontos de vista: o da estrutura anatômica e o que se refere às faculdades reflexivas. No primeiro caso, o homem encontrar-se-ia imerso em sua animalidade; no segundo, estaria pairando sobre o mundo, isolado da natureza. Uma definição mais abrangente e completa de homem deveria levar em conta, portanto, tudo o que nele seja suscetível de constatação positiva, isto é, além da conformação anatômica, é preciso considerar a faculdade de pensar. Dessa dupla abordagem se depreende a originalidade do fenômeno humano.

O mais exterior dos caracteres humanos é sua tênue diferenciação morfológica, dada por especializações anatômicas (a face menor que o crânio, a postura vertical, etc.) e fisiológicas (o desamparo em que se encontra o ser humano nos primeiros meses de vida, a sexualidade aperiódica, etc.). Mesmo assim, dentro dos critérios adotados pela biologia para classificar os seres vivos, pode-se dizer que, por sua estrutura orgânica, o homem não pode aspirar senão a um lugar modesto na taxionomia animal: ele pertence ao subfilo dos vertebrados, à ordem dos primatas e a uma família formada por um único gênero, Homo. Mas outra característica zoológica do homem evidencia prontamente sua originalidade: a capacidade de expansão e conquista. Apesar da homogeneidade do grupo humano, o homem conquistou em relação ao conjunto do globo um sucesso vital sem precedentes, que se explica, pelo menos em parte, pela aparição, com o homem, de uma nova fase na história da vida: o uso de instrumentos artificiais, mais uma característica do fenômeno humano.

As tentativas de inserir o homem dentro da ordem dos primatas não primam pela precisão, uma vez que as diferenças de detalhes são complexas e controversas. O tamanho, e mais ainda, a complexidade do cérebro humano em relação ao dos primatas não-humanos constitui o principal ponto de diferenciação anatômica. A postura ereta é também um aspecto importante. Outras características anatômicas que distinguem o homem dos outros primatas, seja dos macacos antropóides, seja dos primatas inferiores, além do tamanho absoluto e relativo do cérebro, são: o pé, que serve de suporte e não é

preênsil; o primeiro dedo do pé, que não é oponível; os maxilares, de tamanho reduzido e pouco salientes; a ausência de caninos salientes e interpostos; curva lombar, bacia e pelve formadas ou modificadas para atender às funções de equilíbrio e suporte do corpo na posição ereta; membros inferiores hipertrofiados, adaptados para o andar bípede; membros superiores mais curtos e aperfeiçoados, com mãos grandes e preênseis, dotadas de dedos curtos e polegar oponível; nariz saliente com pontas e asas bem desenvolvidas; ausência completa de pelos táteis ou tentáculos; escassez acentuada de pêlo secundário no corpo, exceto na cabeça, regiões axilares e púbica e no rosto dos adultos masculinos; e presença de lábios cheios, invertidos e membranosos.

E. Abordagem Psico-sociológica. Permanece vaga e ambígua a correlação entre as dimensões física e cultural do homem. Tal ambigüidade levanta a dúvida quanto ao problema de ser o homem causa ou resultado, criatura ou criador de seu patrimônio cultural. A questão do determinismo ou da liberdade da condição humana extrapola o âmbito da antropologia e convoca a uma perspectiva inovadora no campo das ciências humanas, trazida pela psicologia: o conceito psicanalítico de inconsciente. Essa noção, que foi a principal descoberta de Sigmund Freud, veio mostrar que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos conteúdos psíquicos só se tornam acessíveis à consciência depois de vencidas certas resistências.

Para a sociologia, o homem, como ser social, é resultado de processos sociais e de cultura que antecedem ao aparecimento do indivíduo. O homem nasce com uma base orgânica, que o permite desenvolver-se em pessoa. Seus órgãos e sentidos estabelecem o contato entre o que é verdadeiramente hereditário, natural e individual, e a vida social e a cultura. O comportamento humano dá-se num quadro de circulação permanente de informação. Cada homem recebe ininterruptamente estímulos diversos e diversamente organizados, aos quais responde por comportamentos. Se isso é verdadeiro para qualquer ser vivo, no homem se distingue pelas propriedades de sistematização, de transferência e de significação.

F. Abordagem Antropológica. A classificação dos seres vivos proposta por Lineu e George-Louis Leclerc Buffon, no século XVIII, permitiu pela primeira vez integrar o homem numa série zoológica e estudá-lo pelo método das ciências naturais. A espécie *Homo sapiens* faz parte do gênero *Homo*, o que deixa aberta a possibilidade de existência de outras espécies. O próprio gênero *Homo* pertence à família dos homínídeos, à ordem dos primatas, à classe dos mamíferos, ao subfilo dos vertebrados e ao filo dos cordados. Dentro da espécie, pode-se distinguir os grupos (negro, branco, pigmeu etc.) e dentro de cada grupo as raças (nórdica, alpina, australiana etc.), depois as sub-raças, os tipos etc.

A classificação do homem a partir do modelo zoológico introduziu o conceito diferencial de raça e, ao mesmo tempo, tornou possível definir a espécie por outros

aspectos que não a racionalidade. Homo sapiens não é necessariamente sinônimo de animal racional. Os critérios anatômicos e fisiológicos é que foram considerados com maior rigor para a diferenciação da espécie. A antropologia preocupou-se também com os problemas da origem e da filiação da espécie. O Homo sapiens não é senão o elo atual de uma ou várias longas cadeias de ancestrais hominídeos e pré-hominídeos e talvez símios.

Mas a reação à taxionomia positivista acabou por impor um modelo que, sem desprezar os traços anatomo-fisiológicos, restituiu à antropologia geral as dimensões mentais do homem -- psicológicas, culturais etc.

Outra contribuição ao aprofundamento da perspectiva antropológica foi o estudo da herança cultural. Em muitos aspectos, é ela que permite ao homem moldar uma vida adaptada à variedade de ambientes naturais e possibilita, dentro das limitações ambientais, tipos de vida que tanto podem resultar de uma escolha como de uma determinação psicológica interna. A herança cultural é a transmissão das características culturais pelo ensino e aprendizagem. A cultura se transmite sob forma de padrões explícitos e implícitos de comportamento e em suas materializações. O homem é, portanto, um animal portador de cultura, seja pelo domínio da linguagem, seja pelos padrões de organização familiar, pelo uso de ferramentas, enfim, pelo controle de um vasto domínio de conhecimento empírico e pela presença de elementos de ordem simbólica, como tabus, mitos, rituais religiosos etc.



AULA
02

2 - ANTROPOLOGIA CULTURAL

2.1. Conceituando Cultura

Em antropologia, a palavra cultura tem muitas definições. Coube ao antropólogo inglês Edward Burnett Tylor, nos parágrafos iniciais de *Primitive Culture* (1871; *A Cultura Primitiva*) oferecer pela primeira vez uma definição formal e explícita do conceito: “Cultura... é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”

Já o antropólogo americano Melville Jean Herskovits descreveu a cultura como a parte do ambiente feita pelo homem; Ralph Linton, como a herança cultural, e Robert Harry Lowie, como o conjunto da tradição social. No século XX, o antropólogo e biólogo social inglês Ashley Montagu a definiu como o modo particular como as pessoas se adaptam a seu ambiente. Nesse sentido, cultura é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou na forma de idéias, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos.

Só o homem é portador de cultura; por isso, só ele a cria, a possui e a transmite. As sociedades animais e vegetais a desconhecem. É um complexo, porque forma um conjunto de elementos, inter-relacionados e interdependentes, que funcionam em harmonia na sociedade. Os hábitos, idéias, técnicas, compõem um conjunto, dentro do qual os diferentes membros de uma sociedade convivem e se relacionam. A organização da sociedade, como um elemento desse complexo, está relacionada com a organização econômica; os dois entre si relacionam-se igualmente com as idéias religiosas. O conjunto dessa inter-relação faz com que os membros de uma sociedade atuem em perfeita harmonia.

A cultura é uma herança que o homem recebe ao nascer. Desde o momento em que é posta no mundo, a criança começa a receber uma série de influências do grupo em que nasceu: as maneiras de alimentar-se, o vestuário, a cama ou a rede para dormir, a língua falada, a identificação de um pai e de uma mãe, e assim por diante. À proporção que vai crescendo, recebe novas influências desse mesmo grupo, de modo a integrá-la na sociedade, da qual participa como uma personalidade em função do papel que nela exerce. Se individualmente o homem age como reflexo de sua sociedade, faz aquilo que é normal e constante nessa sociedade. Quanto mais nela se integra, mais adquire novos hábitos, capazes de fazer com que se considere um membro dessa sociedade, agindo de acordo com padrões estabelecidos. Esses padrões são justamente a cultura da sociedade em que vive.

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia